

## **Pedagogia hospitalar: o planejamento escolar no processo de alfabetização das crianças com câncer**

*Emanuelle da Silva Ferreira<sup>1</sup>*

*Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves Pessoa<sup>2</sup>*

***Eixo temático: 9. Alfabetização e as condições materiais e pessoais de ensinar em contextos diversos***

**Resumo:** O planejamento escolar é essencial para a condução e consolidação do processo de ensino-aprendizagem. Em vista disso, deve ser pautado em objetivos traçados com base no contexto escolar, nas habilidades a serem desenvolvidas para determinado ano de ensino e nas necessidades de aprendizagem dos estudantes. Considerando que o processo de aprendizagem não ocorre de modo linear e que as crianças necessitam de mecanismos distintos para atribuir significado aos conteúdos, percebe-se que mediar tal processo não é fácil. Essa complexidade se intensifica quando nos referimos aos estudantes no processo de alfabetização em situação de adoecimento, além de toda complexidade que envolve esse processo são incorporadas outros, perante os tratamentos invasivos e longos, a rotina hospitalar, as limitações físicas, a constante angústia que permeia os procedimentos médicos dolorosos e, principalmente, o afastamento da rotina escolar. Conseqüentemente, tais dificuldades reverberam no ato de planejar, tendo em vista as especificidades do referido contexto, como também, o tempo pedagógico diário de apenas uma hora. Isto posto, constata-se que o planejamento deve ser realizado de forma reflexiva e intimamente ligado as metodologias que amparam o processo de alfabetização, pois nessa perspectiva, é possível otimizar os desdobramentos e possibilitar o progresso dos estudantes. Considerando os supracitados, o presente estudo que é originário de uma dissertação de Mestrado em Educação, tem o objetivo de discutir sobre as particularidades do planejamento escolar das crianças com câncer em processo de alfabetização em um hospital público do Recife.

**Palavras-chaves:** Planejamento; Alfabetização; Pedagogia hospitalar.

<sup>1</sup>Mestra em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Contato: emanuelle.ferreira@ufpe.br

<sup>2</sup>Doutora em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Contato: a.gpessoa@ufpe.br

## **Introdução**

O planejamento escolar se caracteriza como uma ação contínua de reflexão sobre os melhores caminhos para condução do processo de aprendizagem dos estudantes. Mediar tal processo, demanda do professor domínio dos aportes teóricos que amparam o ato de planejar, como também conhecer a realidade das crianças, organizar o tempo e o espaço para que o trabalho pedagógico possa ser realizado de forma significativa. O planejamento fornece subsídios para professor tomar decisões assertivas acerca das dificuldades e habilidades dos estudantes, tendo em vista que o processo de aprendizagem é perpassado por desafios que independem da etapa da educação básica.

Podemos entender como um dos desafios da alfabetização a quebra das hipóteses de escrita que são construídas pelas crianças. Antes de ingressarem na escola, as crianças possuem hipóteses sobre o que as letras notam, construídas nas situações cotidianas. Porém, ao iniciar o processo de alfabetização, ocorre o confronto dessas hipóteses, diante da exposição de conceitos novos que exigem uma visão “inovadora” para compreendê-los perante o que já havia sido preestabelecido no decorrer das vivências cotidianas, lançando um grande desafio para conceber uma articulação lógica.

No que concerne as crianças com câncer, outros percalços são incorporados, tendo em vista o afastamento escolar perante a necessidade de realizar longos tratamentos no ambiente hospitalar. Tal realidade evidencia um cenário repleto de privações que caracterizam este impiedoso contexto, Matos e Mugiatti (2009) conceituam esta decadente situação como “enfermidade social”, reflexo dos inúmeros pontos negativos que surgem diante do tratamento. As privações afetam a criança em diversos aspectos e, numa perspectiva psicossocial, identificam-se danos emocionais, afetivos, comportamentais e sociais que refletem diretamente no processo ensino aprendizagem.

Com base nos supracitados, perceberemos as especificidades que englobam o ato de planejar no contexto hospitalar, considerando que as atividades devem ser pautadas com base no tempo pedagógico de apenas uma hora diária. Além disso, o professor precisa ser flexível e ter consciência que o frequente estresse gerado pelas dores promovidas pela doença e as constantes intervenções médicas fazem parte do processo de escolarização no referido contexto.

Ao mesmo tempo, o momento que essas crianças se dedicam as aprendizagens escolares pode ser um período de saída da enfermidade para construção de expectativas de futuro.

No que tange as crianças com câncer em processo de alfabetização, oportunizar o prosseguimento de tal etapa tem o poder de possibilitar momentos prazerosos de fuga da

realidade hospitalar que tanto fragiliza os estudantes em tratamento, para isso os professores que atuam no ambiente hospitalar podem utilizar a leitura como mecanismo amenizador do sofrimento gerado pelas enfermidades, pois “o trabalho com a leitura no hospital proporciona o efeito terapêutico, diminuindo tensões causadas por procedimentos invasivos” (SANTANNA et al., 2014, p.78).

## **2 Fundamentação teórica**

O planejamento escolar é uma relevante ferramenta para oferecer subsídios para o processo ensino-aprendizagem, pois possibilita ao professor definir os melhores mecanismos metodológicos e didáticos para consolidar aprendizagens significativas. De acordo com Libâneo (2001, p. 221) “o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”.

Para Libâneo (2001) tal ferramenta é capaz de transmitir segurança ao professor na ministração dos conteúdos, tendo em vista que são precedidos de momentos de reflexão e pesquisa. Com base nisso, torna-se imprescindível definir objetivos claros em relação ao que se almeja alcançar.

Os objetivos postos no planejamento são definidos, dentre outras coisas, pelas necessidades dos estudantes. Essas necessidades podem ser identificadas por meio de avaliações diagnósticas, os dados obtidos através delas fornecem subsídios ao professor para definir os melhores caminhos a serem seguidos na condução do processo ensino-aprendizagem.

Em relação aos estudantes que estão no processo de alfabetização, os docentes precisam buscar compreender o que os estudantes pensam sobre a escrita. As avaliações diagnósticas possibilitam essa reflexão. Entretanto, algumas escolas ainda “[...] tem ensinado as crianças a escrever, mas não dizer – e sim repetir – palavras e frases pela escritura; não convém que elas escrevam como dizem (porque o “como dizem” revela as diferenças) [...]” (SMOLKA, 2012, p. 153).

Sobre o planejamento na Pedagogia Hospitalar, Souza (2017, p.25) afirma:

O planejamento e as metodologias aplicados no ambiente hospitalar são os maiores desafios que o pedagogo hospitalar pode vivenciar, em virtude da alta rotatividade dos alunos. Por isso, o planejamento é feito para cada aluno diferentemente. Então, o pedagogo hospitalar deve possuir várias habilidades de ensino para poder lidar com essas especificidades, além de ter a percepção e a consciência de que o trabalho não pode ser contínuo, é necessário concluir o atendimento no mesmo dia por conta da rotatividade.

De acordo com Fonseca (2003, p. 46), “para um efetivo atendimento pedagógico-educacional hospitalar, é importante estar ciente e exercitar a premissa de que cada dia de

trabalho na classe se constrói com atividades que têm começo, meio e fim quando desenvolvidas”. Assim, é necessário um acompanhamento contínuo do estudante por meio de avaliação. Esse processo avaliativo no contexto hospitalar tem o objetivo de averiguar a mobilização e a consolidação das aprendizagens. Além disso, conforme citamos anteriormente, oferece ao professor parâmetros que subsidiam o planejamento para que seja possível oferecer caminhos que otimizem o processo de aprendizagem. Torna-se fundamental ressaltar que:

avaliar o aluno, principalmente, o hospitalizado ou em condição de tratamento, é preciso, segundo Freire (2001), considerar que os alunos aprendem diferentemente porque têm histórias de vida diferentes, são sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e influencia sua forma de aprender. Por isso, avaliar o aluno-paciente requer buscar informações sobre ele, sondar seus objetivos e anseios, isso reflete em uma visão freireana que diz que o professor deve conhecer o sujeito e seu jeito de aprender (COSTA et al., 2013, p.04).

Com base nisso, as atividades propostas para os estudantes em situação de hospitalização devem ser minuciosamente planejadas, para que apesar do limitado tempo pedagógico e as inúmeras questões que implicam na condução delas, os conhecimentos sejam efetivamente mobilizados e, dessa forma, sejam construídas aprendizagens significativas.

### **3 Metodologia**

O presente estudo trata-se de um extrato de uma dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, intitulada: “Acompanhamento Pedagógico Hospitalar às Crianças com Câncer em Processo de Alfabetização”. O referido estudo delinea-se como de cunho qualitativo. Para obtenção dos dados, realizamos entrevistas semiestruturadas previamente agendada com as duas professoras da classe hospitalar de um hospital público do Recife, realizamos 5 (cinco) observações e analisamos os registros dos cadernos das crianças. Diante das restrições devido a pandemia, acompanhamos apenas uma das metodologias da pedagogia hospitalar, a hospitalização escolarizada. Os roteiros de observações e entrevistas foram elaborados com base em nossos objetivos. No caso das observações, registramos os dados por meio de diário de campo. Já as entrevistas foram gravadas. Todos os participantes declararam ciência em participar da pesquisa por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados obtidos foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin (2002), sendo a referida etapa executada em três passos: pré-análise, exploração do material, interpretação dos resultados.

#### 4 Resultados e Discussão

Ao serem recebidas na classe onde realizamos o presente estudo, as crianças passam por uma avaliação diagnóstica elaborada pela própria rede do município do Recife, de acordo com o ano de ensino. A avaliação é dividida em dois cadernos, um com questões de língua portuguesa e outro com questões de matemática (Figura 1).



Figura 1: Capa da avaliação diagnóstica Fonte: Autora (2021).

A avaliação diagnóstica de língua portuguesa é composta por cinco questões. No quadro a seguir, relacionamos tais questões com as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Salientamos que a BNCC tem a perspectiva de nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino do nosso país. O referido documento reforça a ideia de que a educação deve se fundamentar em um viés integral e holístico.

Quadro 1: Habilidades da BNCC presentes na avaliação diagnóstica de Língua Portuguesa:

QUESTOES	HABILIDADES DA BNCC
I	- (EF01LP05) Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala. - (EF01LP07) Identificar fonemas e sua representação por letras.
II	- (EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas - (EF01LP05) Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala.
III	(EF01LP04) Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos.



IV – V	EF01LP10) Nomear as letras do alfabeto e recitá-lo na ordem das letras. - (EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas
--------	---

Fonte: Autora (2022).

Esse tipo de avaliação é fundamental para nortear e otimizar o processo de aprendizagem, pois serve como uma espécie de bússola para o docente. Partindo dos parâmetros obtidos pela avaliação, torna-se viável a construção de aprendizagens significativas. Analisando as questões da avaliação diagnóstica aplicadas na classe em questão, percebemos que há uma preocupação com as concepções que as crianças estabeleceram sobre o sistema de escrita. Essa conduta oferece subsídios para o planejamento e, conseqüentemente, possibilita que o docente faça escolhas adequadas e eficientes para otimização do processo de alfabetização. Sobre o planejamento na classe hospitalar, Fonseca (2003, p. 46) afirma que “para um efetivo atendimento pedagógico-educacional hospitalar, é importante estar ciente e exercitar a premissa de que cada dia de trabalho na classe se constrói com atividades que têm começo, meio e fim quando desenvolvidas”. A afirmativa de Fonseca (2003), alinha-se a fala das docentes entrevistadas:

É importante frisar que o fato da gente fazer algo nessa perspectiva de começo, meio e fim não quer dizer que nós não estamos dialogando com o currículo, tudo que a gente tá trabalhando tem relação com o currículo, é conteúdo a ser trabalhado, até pra os que estão matriculados em outras escolas organizamos as atividades de acordo com essa proposta de findar no mesmo dia, mas tudo com base no currículo (Trecho da entrevista com a professora Fauna, 01.10.2021).

Em vários momentos, as docentes reforçaram a necessidade de demarcar pontualmente (começo, meio e fim) o planejamento das aulas, sendo este, construído de modo flexível, diante das inúmeras situações que podem surgir no decorrer das aulas.

As observações nos fizeram perceber a complexidade que envolve a prática docente no ambiente hospitalar, destaca-se a exigência de uma série de habilidades, além do “simples” ato de ensinar e mobilizar conhecimentos. Percebemos a flexibilidade que transcorre no planejamento na Pedagogia hospitalar, como também constatamos as transitoriedades relacionadas à frequência dos encontros dos estudantes com as docentes da classe hospitalar. Todos os dias as professoras estão no setor de oncologia e realizam levantamento dos estudantes presentes nos leitos. Entretanto, a frequência dos estudantes é incerta, pois constantemente crianças recebem alta, são admitidas, transferidas para outros hospitais para realizar procedimentos, para unidade de terapia intensiva do próprio setor de oncologia (impossibilitando a realização das atividades) e outras intercorrências que implicam na condução do acompanhamento pedagógico hospitalar, implicando, conseqüentemente, no planejamento a ser realizado pelas docentes.

A atuação do docente no cenário hospitalar é multifacetada, uma vez que uma série de outras atribuições são incorporadas e extrapolam as que constituem a prática docente numa sala de aula regular. Um exemplo disso é relacionado aos desdobramentos do processo avaliativo: as professoras afirmaram que no caso dos estudantes matriculados em outras instituições de ensino, realiza-se contato com a gestão para saber o posicionamento da instituição: se irão enviar ou se as docentes da própria classe terão autonomia para elaborá-las. Nessas circunstâncias, as professoras definem a metodologia a ser utilizada. Posteriormente, enviam as notas (a partir do 3º ano dos anos iniciais) e também o parecer dos estudantes em geral. Salientamos que a avaliação na pedagogia hospitalar assume outro viés, rompe a perspectiva tradicionalista meramente classificatória e excludente:

no hospital, o professor não tem o poder instituído para promover ou reter alunos, ou para classificá-los a partir de critérios estabelecidos a priori. A função clássica da avaliação, ou seja, de exercer o controle, materializado na disciplinarização dos corpos e mentes, no espaço educativo hospitalar não tem sentido. O que ganha legitimidade é a avaliação comprometida como a redefinição de práticas a partir da tomada de decisões (AROSA, 2007, p.88).

Nessa esfera, a avaliação tem o objetivo de averiguar a mobilização e a consolidação das aprendizagens. Torna-se fundamental ressaltar que:

avaliar o aluno, principalmente, o hospitalizado ou em condição de tratamento, é preciso, segundo Freire (2001), considerar que os alunos aprendem diferentemente porque têm histórias de vida diferentes, são sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e influencia sua forma de aprender. Por isso, avaliar o aluno-paciente requer buscar informações sobre ele, sondar seus objetivos e anseios, isso reflete em uma visão freireana que diz que o professor deve conhecer o sujeito e seu jeito de aprender (COSTA et al., 2013, p.04).

Constata-se que o planejamento do processo de alfabetização no contexto hospitalar é circundado por uma série de especificidades que infelizmente são pouco discutidas socialmente. De acordo com Peters e Barros (2018, p.163):

Há no ambiente da Educação hospitalar processos de letramento e de ensino muito peculiares que podem ser descritos para que o professor perceba seu campo de ação e atuação. Ninguém supõe rapidamente o que não é dito, deste modo compreendemos que é necessário dizer ao docente qual é seu campo de atuação (Educação Hospitalar), que características possui este espaço, que metodologias de trabalho podem ser desenvolvidas e o que se espera do docente que deseja ingressar na Educação Hospitalar.

Em vista disso, notamos a importância da formação docente específica para atuação na pedagogia hospitalar, pois o professor que atua em tal contexto, deve planejar as atividades na perspectiva de também proporcionar as crianças momentos de fuga da realidade nosocomial, repletos de aprendizado e ludicidade. Dessa forma, constrói-se uma visão benéfica da pedagogia hospitalar, desvinculando-a do caráter punitivo de mais um procedimento imposto a ela.

## 5 Considerações Finais

O planejamento escolar é uma ação imprescindível para consolidação de efetivas aprendizagens. Em vista disso, deve ser pautado em objetivos traçados com base no contexto escolar em questão, nas habilidades a serem desenvolvidas para determinado ano de ensino e nas necessidades de aprendizagem dos estudantes. Na perspectiva da Pedagogia Hospitalar, devemos considerar o tempo pedagógico diário de apenas uma hora e, principalmente, as especificidades dos estudantes. No que tange as crianças que estão no processo de alfabetização nas classes hospitalares, torna-se um grande desafio mediar tal processo, tendo em vista as particularidades acima mencionadas. Consequentemente, essas dificuldades reverberam no ato de planejar. Isto posto, constata-se que o planejamento deve ser realizado de forma reflexiva e intimamente ligado as metodologias que amparam o processo de alfabetização, pois nessa perspectiva, é possível otimizar os desdobramentos e possibilitar o progresso dos estudantes.

## Referências

AROSA, A. C. **Avaliação da Aprendizagem no Espaço Hospitalar**. In: AROSA, Armando C.; SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras*. Niterói: Intertexto, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: . Acesso em:02 jun. 2020.

COSTA, C. D. C. et al. **A avaliação no processo ensino-aprendizagem: uma discussão na Escola Hospitalar do Hospital Ophir Loyola – PA**. XI Congresso Nacional de Educação, [s. l.], 2013.

FONSECA, E. S. **Educador de plantão: aulas em hospitais asseguram continuidade dos estudos e desempenham papel fundamental na recuperação de alunos internados**. Revista Educação, Ano 6, n.71, p.1822, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2001.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. ed. Rio de Janeiro: vozes, 2009.



PETERS, I.; BARROS, E. M. D. **Os processos de letramento na educação hospitalar.** Entreletras, [s. l.], 2020.

SANTA ANNA, J. et al. **Atuação bibliotecária além da biblioteca: o espaço de leitura do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM).** Revista ACB, [s. l.], 2014.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA, A. C. S. **A prática pedagógica no ambiente hospitalar: um estudo de caso no HULW.** 2017. TCC (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2017.